

Liberdade e igualdade para as mulheres na perspectiva da anarquista Emma Goldman

Andrea da Conceição¹, UERJ

Resumo

O presente artigo tem como finalidade apresentar alguns aspectos de uma investigação acerca do percurso político intelectual da anarquista Emma Goldman (1860- 1940), centrando a reflexão, em especial, no pensamento goldminiano sobre o universo de dominação em que a mulher estava inserida, destacando seus principais alçozes: o Estado e a Igreja. De fato, é inegável que a trajetória vivenciada pela anarquista influenciou sua forma de ver e escrever sobre o mundo, principalmente a sua defesa da emancipação feminina a partir da quebra de pressupostos morais, de modo a possibilitar que a mulher conseguisse sua liberdade a partir de um processo de tomada de consciência. Nesse percurso, a emancipação sexual e intelectual, bem como o amor livre e a maternidade voluntária, emergiam como valores positivos a serem adotados.

Palavras-chave: Anarquismo; liberdade; emancipação feminina.

Abstract

This paper presents some aspects of an investigation about the intellectual political trajectory of the anarchist Emma Goldman (1860-1940), focusing the reflection, in particular, on Goldminian though on the universe of domination in which the woman was inserted, highlighting its main executioners: the State and the Church. It is undeniable that the trajectory experienced by the anarchist influenced her way of seeing and writing about the world, especially her defense of female emancipation through the breaking of moral assumptions, to enable women to achieve her freedom from a process of becoming aware. Along this path, sexual and intellectual emancipation, as well as free love and voluntary motherhood, emerged as positive values to be adopted.

Keywords: Anarchism; freedom; female emancipation.

Introdução

A rebeldia da anarquista Emma Goldman foi responsável por mover seus atos e suas palavras a fim de que todas as mulheres tomassem para si as rédeas das suas próprias histórias, deixando de ser meras coadjuvantes e assumindo o protagonismo do imbróglho histórico. Desse modo, pretende-se que a invisibilidade feminina seja desconstruída, dando espaço a uma história de possibilidades, em que a história é tratada como uma metamorfose, que favorece uma transmutação física e moral da história.

Com esta percepção, o presente artigo, busca destacar alguns aspectos do percurso político-intelectual da anarquista Emma Goldman que possibilitem compreender seu pensamento no que se refere ao universo de dominação em que a mulher estava inserida, sobretudo o seu protagonismo na luta pela independência feminina a partir de pressupostos

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bolsista CAPES (E-mail: andreea.uerj@gmail.com)

libertários. Emma Goldman foi umas das militantes anarquistas que lutou e se negou a se calar diante do aprisionamento moral, sexual e intelectual da mulher, sendo ainda, responsável por fazer parte de um conjunto de mulheres que impulsionaram a luta pela liberdade, fazendo da sua própria vida uma revolução. Assim, compreendemos que “ lutando pela melhoria de sua condição social e sexual, as mulheres também conquistaram seu direito à memória e, mais ainda, à história” (RAGO, 1988, p.9). E, nesse sentido, cabe ressaltar a relevância para o domínio da história política e os estudos de gênero as ideias contidas nos escritos da anarquista Emma Goldman, especialmente no que se refere à busca da libertação da mulher.

Os anarquistas, em geral, e Emma Goldman, em particular, lutavam e proclamavam abertamente pela transformação social, com o propósito de destruir as formas autoritárias e hierárquicas de organização vigentes e atingir uma outra, baseada na cooperação e igualdade entre os indivíduos, cujo primado fosse a autonomia dos sujeitos, homens e mulheres, para intervir em seu próprio destino. Nada mais revolucionário. Portanto, nada mais político, já que se pretendia subverter as estruturas de poder imperantes, incluindo as normas de gênero, o poder masculino, a cultura patriarcal. (MARTINS, 2000, p. 13).

Nesses termos, é importante a compreensão que o “gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p.88). Estamos nos referindo, evidentemente, não às diferenças biológicas entre machos e fêmeas, mas ao significado das diferenças socioculturais entre o masculino e o feminino. Assim considerada, a relação entre os sexos não é natural, mas construída e reconstruída incessantemente em diferentes tempos e espaços históricos. (MARTINS, 2000, p. 14-15). Por isso, em se tratando da história das mulheres, é preciso conceder reconhecimento a esse “campo de pesquisa” (SCOTT, 1995, p.75), pautado na busca da cisão com uma historiografia majoritariamente masculina, que conferiu silêncio ao feminino.

A liberdade da anarquista Emma Goldman floresceu em meio aos caminhos tortuosos que a vida a encarregou de passar, como se encontra revelado em sua autobiografia *Vivendo minha vida*. Nessa obra, Emma demonstra que seu caminho foi marcado por uma infância difícil, na qual o pai creditava às mulheres apenas o papel de meras serviçais, que deveriam preparar-se tão-somente para o casamento e para a reprodução. À Emma foi negada, por diversas vezes, a autonomia intelectual feminina. O pai severo exigia a submissão das filhas, recorrendo, inclusive, a castigos físicos e psicológicos.

No entanto, isso não a fez desistir; na verdade conferiu a ela a determinação presente em cada uma das suas lutas, que ganharam visibilidade com seus escritos, os quais criticam e

expressam a necessidade do rompimento com o universo de dominação no qual a mulher se encontrava, como se pode verificar na coletânea *Feminismo y anarquismo*, publicada em 2017. Essa coletânea reúne textos da anarquista publicados no periódico *Mother Earth*, que possuíam como objetivo o despertar moral, intelectual e sexual da mulher, através da tomada de consciência e posição sobre a desigualdade e as relações de poder que reprimiam e subjugavam as mulheres.

Essa mesma temática também ganha fôlego na coletânea *Questão Feminina*, publicada em 2019, reunindo artigos que a anarquista escreveu ao longo da vida, posicionando-se pela necessidade da liberdade feminina e criticando, sobretudo, as amarras tradicionais, como o casamento monogâmico indissolúvel legitimado pelo Estado e sacralizado pela Igreja. Esse, inclusive, é o tema exposto no livro *La tragédie de l'émancipation féminine suive de du mariage et de l'amour*, no qual o casamento é analisado pela anarquista como um negócio, responsável por colocar a mulher como um objeto de troca entre os homens, concretizando a passagem da tutela feminina, antes pertencente ao pai, para o marido; tudo com o propósito de que os homens mantenham o controle sobre corpos e mentes das mulheres.

Desse modo, a anarquista defendeu e reivindicou a emancipação feminina plena, vivenciada por meio da maternidade voluntária, da livre união e da livre desunião, do amor livre, da liberdade sexual e formação intelectual feminina.

Para analisar os escritos da anarquista Emma Goldman, são utilizadas as contribuições advindas de Pocock, por compreender a sua importância no que tange a percepção da linguagem política contida no discurso do ator político, sendo esse representado pela anarquista. Desse modo, é necessário compreender os elementos que compõem o discurso da anarquista e as palavras-força que são utilizadas por ela. Esse exercício é de fundamental importância na apreensão dos paradigmas contra os quais a anarquista se insurge, defendendo a emancipação feminina e buscando a liberdade do corpo e da mente da mulher

Nessa perspectiva, é importante atentar-se para que “los lenguagens de la política no son definitivos sino plurales y flexibles.” (POCOCK, 2009, p. 87), de modo que se faz necessária a análise dos discursos políticos baseados no exercício de poder, especialmente no que se refere aos paradigmas que são refutados por Emma Goldman, através da construção de outro discurso baseado na evocação de palavras-força como liberdade, libertação e emancipação, com o propósito de fomentar a construção de uma nova moral sexual, que possibilitasse a liberdade da mente e dos corpos das mulheres.

Tendo por finalidade a compreensão da importância do significado do corpo no pensamento goldminiano, apropriamo-nos das ideias da pesquisadora Ana Ribas, segundo a qual “o corpo é o instrumento pelo qual a experiência se efetiva, e que este não precisa ser entendido apenas como objeto de cultura, mas também dotado de agência própria, não apenas como receptáculos de símbolos como produtor de sentido” (RIBAS,2011,p.5). É nesse sentido que se pode pensar a perspectiva goldminiana de rompimento das amarras de submissão feminina, uma vez que preconiza formas mais livres de viver, defendendo que as mulheres tomassem as rédeas das suas próprias vidas, por meio da destruição das relações hierárquicas em todos os campos da vida social, especialmente no que se referia às relações de poder exercidas sobre seus corpos.

A historiadora francesa Michele Perrot já chamou a atenção para o fato de que “o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade. [...] A gama de violências exercidas sobre as mulheres é ao mesmo tempo variada e repetitiva” (PERROT, 2019, p.76). É possível que Emma sentisse essa forma de dominação sobre os corpos femininos, tanto é que empreendeu diversas lutas pela liberdade feminil, incluindo a o rompimento com a maternidade como obrigação natural e irrefutável da mulher. (MARTINS, 2000, p. 146)

As lutas da anarquista Emma Goldman tomaram uma grande proporção com a sua mudança para os Estados Unidos da América, em 1885. Nesse país, a anarquista se deparou com a desigualdade proporcionada pelo capitalismo, que por meio do Estado impunha mecanismos de controle, utilizando-se da coerção física e psicológica para manter a ordem e inviabilizar qualquer forma de manifestação da insatisfação coletiva. Por isso, segundo Elizabeth Lobo, Emma Goldman almejava o ideal de uma sociedade natural,

Baseada na liberdade não limitada pelas leis dos homens, porque todos os governos repousam na violência, na igualdade econômica que permita o florescimento do que existe de bom e verdadeiro nos homens e mulheres, no acesso ao prazer da vida, conforme os desejos, o gosto e as inclinações de cada um e de cada uma. (LOBO, 1983, p.21)

Assim, a anarquista entedia que todas as desigualdades eram fruto de um sistema responsável por regular e corroer a liberdade coletiva, instaurando assim o medo e a servidão. Por isso, ela insistia em criticar a inabilidade social de tecer críticas as malhas as quais o passado os envolvia, de modo, a dessacralizar a religião, o Estado, a propriedade, a institucionalização do amor e, sobretudo, a ignorância sexual a que as mulheres eram submetidas. Desse modo, a anarquista defendia que as mulheres deveriam vivenciar sua liberdade sexual e intelectual para alcançar a liberdade, tornarem-se libertas.

A voz da anarquista Emma Goldman

A anarquista Emma Goldman é uma mulher emblemática não apenas pela sua militância, mas, sobretudo pelas suas palavras vanguardistas que personificavam suas inquietações frente o universo de dominação ao qual a mulher estava subordinada. Universo esse que é buscado pela anarquista em todo seu percurso político e intelectual para ser combatido e anulado, possibilitando, assim, a criação de corpos e mentes livres, capazes de construir sua liberdade.

Emma Goldman nasceu em Kovno, atual Kaunas, na Lituânia, à época integrada ao Império da Rússia, em 27 de junho de 1869. Foi a terceira de quatro filhos, sendo apenas o último um menino. Demonstrou desde sua infância que a desobediência fazia parte da sua essência ao questionar as normas sociais impostas por seu pai, que muitas vezes incidiam sobre ela simplesmente por se tratar de uma mulher. Desse modo, a resposta à “rebeldia crônica” da jovem Emma vinha através de castigos físicos e psicológicos impostos por seu pai, que tinha seu papel do macho legitimado socialmente e aliado ao direito natural. Esse cenário, “implicava outra medida: a anulação do papel da mulher sendo personificado pela mãe”(GOLDMAN,2015, p. 34), caracterizada pela anarquista como uma figura apática que parecia pouco feliz com o casamento .

As lembranças da infância eram assustadoras: “Desde minhas tenras memórias o lar era sufocante, e a presença do meu pai aterrador. Minha mãe, embora menos violenta com as crianças, nunca irradiava muito calor. ” (GOLDMAN, 2015, p. 11). As lembranças da anarquista sobre a mãe recaíam especialmente na sua anulação enquanto mulher, sendo dominada em todos os aspectos pelo marido dominador.

O casamento de Emma Goldman ocorreu em 1887, quando tinha dezoito anos. Foi marcado por um universo de dominação social, uma vez que a anarquista se viu obrigada a casar com Jacob Kershner, amigo cultivado dentro da comunidade judaica que, a princípio, dizia entender suas demandas diante da insatisfação do poder que seu pai exercia sobre ela, propondo-a casamento como fuga da realidade paterna; Goldman aceita.

No entanto, com dez meses de casamento ela se viu frustrada diante da tentativa de outro homem desejar dominá-la a partir da invocação da maternidade, exigindo o cumprimento da obrigação de toda mulher casada prover filhos a seu marido e satisfazer a sociedade quanto à continuação da sua linhagem.

Desse modo, Goldman negou a organização tradicional do casamento, pois acreditava que

El amor, que es el más intenso y profundo elemento de la vida, el mensajero de la esperanza, de la alegría y del éxtasis; el amor, que desafía todas las leys humanas y divinas y las más aborrecibles convenciones; el amor, uno de los más poderosos modeladores de los destinos humanos”. (GOLDMAN, 2017, p.65)

Ainda para a anarquista, o amor verdadeiro só pode ocorrer “Em plena libertad” (GOLDMAN, 2017, p.67), para ela, a união institucionalizada transformava “o casamento em uma armadilha que fazia da mulher uma parasita, dependente do homem. As malhas desta armadilha estão na instituição do amor e da sexualidade. ” (LOBO, S.D, p.30)

A maneira encontrada por Emma Goldman de romper com “os horrores da vida de casada” (GOLDMAN, 2015, p.29) foi sua ida para Nova York, como forma de sair do padrão social que “apedreja” a mulher, utilizando do recurso da “vergonha” para inibir qualquer forma de desobediência feminina. Enquanto isso, ficava o homem com o papel daquele que apenas desejava o bem de sua amada que muitas vezes o abandona para “corromper-se” no mundo.

A ida para Nova York foi imersa em um contexto no qual Emma, juntamente com sua irmã Helena,² já conheciam núcleos comunistas que falavam das “causas dos iguais”, e foi justamente em um desses núcleos que Goldman teve seu primeiro contato com a causa anarquista através do discurso de John Most:

Sua fala foi uma denúncia que descortinava as condições americanas, uma sátira mordaz sobre a injustiça e a brutalidades dos poderes dominantes, uma investida apaixonante contra aqueles responsáveis pela tragédia de Haymarket e a execução dos anarquistas de Chicago em novembro de 1887. (GOLDMAN,2015,p.7)

A tragédia expressa por Most foi iniciada com uma manifestação pacífica por parte dos operários da companhia McCormick que pleiteavam melhores condições de trabalho. Entre as suas reivindicações constavam as oito horas de trabalho e o aumento de salário. No entanto, o movimento foi chamado de “baderna” pelo dono da companhia e conseqüentemente foi duramente asfixiado e coibido, com o uso desmedido da violência por parte da polícia, o que levou à morte de homens e mulheres inocentes. Tal repressão buscava inviabilizar:

[...] quaisquer que sejam os resultados práticos da luta pelas melhorias imediatas, sua principal utilidade reside na própria luta. É por ela que os trabalhadores aprendem a defender seus interesses de classe, compreendem que os patrões e os governantes têm interesses opostos aos seus, e que não podem melhorar suas condições, e ainda menos se emancipar, senão unindo-

²Helena é a irmã mais velha de Emma Goldman, que se refere a ela a todo o momento em seu livro autobiográfico, revelando o apreço que possuía pela irmã, que por diversas vezes desempenhou o papel materno na sua vida.

se entre si e tornando-se mais fortes do que os patrões. (MALATESTA, 2018, p.71)

Então, diante de tamanha injustiça foi marcada uma manifestação na praça de Haymarket para 4 de maio. O protesto foi liderado por anarquistas tais como Albert Parsons, August Spies, Adolph Fischer, entre outros, que organizaram a manifestação com uma finalidade pacífica, sendo essa atestada pelo então prefeito Carter Harrison. No entanto, não foi o suficiente para barrar a violência do braço armado do capitalismo que exigiu que as pessoas dispersassem e, diante da negativa, resolveram ordenar a prisão dos oradores anarquistas, sendo acusados de conspiração.

Um mês após suas prisões, os anarquistas foram sentenciados a morte por um júri totalmente parcial com a causa capitalista de proteção aos donos das companhias, que se viam prejudicados diante da ousadia dos anarquistas em tomar para si a causa de seus empregados. Desse modo, os nove anarquistas sentenciados tornaram-se mártires e heróis, lembrados e ressuscitados em cada discurso que dizia aos companheiros o porquê da luta contra o sistema.

Paralelamente a sua chegada a Nova York, a anarquista Emma Goldman se deparou com fatos que aguçam suas inquietações e fortalecem suas convicções de que a mulher deveria romper com qualquer forma de controle social e de subordinação à figura masculina. Isso evidenciado diante da insatisfação com a fala da sua tia, que a recebe em Nova York, afirmando que “garotas não precisam saber muito! Tudo o que uma menina judia precisa saber é como preparar peixe *gefullte*, saber costurar e dar muitos filhos aos homens” (GOLDMAN, 2015, p. 12). Goldman se opõe veementemente a esta imagem ao defender sua autonomia intelectual, direito ao trabalho e sua liberdade na escolha do amor ao afirmar que “se algum dia amar outro homem, me entregarei a ele sem ser ligada por um rabino ou pela lei, e se esse amor morrer, deixarei-o sem precisar de permissão (sic.)” (GOLDMAN, 2015, p. 29).

E, ainda, defendendo a posição anarquista afirmava que: “pelo fato de que se deram um ao outro, a união do homem e da mulher não é indissolúvel, não estão condenados a terminar seus dias juntos se acontecer de se tornarem antipáticos um ao outro” (GOLDMAN, 2019, p. 50). De modo, a compreender que o casamento não deve ser “una imposición arbitraria, una infâmia y una mofa surda” (GOLDMAN, 2017, p. 67), que impede a verdadeira experiência do amor .

É possível perceber o papel que a anarquista buscava desempenhar diante de um mundo que respirava através das hipocrisias sociais; buscava quebrar essas falsidades, lutando por implementar um novo sistema mais igualitário e justo aos “comuns”. Desse modo, Goldman debruçou-se cada vez mais sobre o anarquismo, afirmando que:

Buscava a liberdade, o direito à auto-expressão, o direito a todas as coisas belas e radiantes. Anarquismo significava aquilo para mim, e eu viveria isso apesar do mundo inteiro, prisões, perseguições, tudo. Sim, mesmo apesar da condenação dos meus camaradas mais próximos eu viveria meu belo ideal. (GOLDMAN, 2015, p. 44)

O ideal que esposou combatia a ciência oficial, que servia ao interesse dos dominadores, legitimando a individualidade, por isso Emma Goldman acreditava que era necessário “acabar com la absurda idea del dualismo de los sexos, o de que hombre y la mujer representan dos mundos antagónicos” (GOLDMAN, 2017, p. 193) responsáveis por germinar o ódio entre os sexos.

É contra as ideias de ódio que permeiam a sociedade que Malatesta afirmava que o “nós” anarquista deseja:

[...] mudar radicalmente tal estado de coisas. E visto que todos estes males derivam da busca do bem-estar perseguido por cada um por si e contra todos, queremos dar-lhe uma solução, substituindo o ódio pelo amor, a concorrência pela solidariedade, a busca exclusiva do bem-estar pela cooperação, a opressão pela liberdade, a mentira religiosa e pseudocientífica pela verdade. (MALATESTA, 2008, p. 64)

Aproximando-se da causa anarquista, Goldman conhece Alexander Berkman (Sasha)³, que seria seu companheiro pessoal e, sobretudo, um dos seus braços na causa anarquista. Ele passou a ter seu nome vinculado ao atentado a Frick, dono da companhia McCormick, que não morreu diante do tiro pelo qual Berkman foi responsabilizado, mas ficou gravemente ferido, recuperando-se pouco depois. O atentado mal sucedido acarretou a prisão de Sasha, acusado de seis crimes e julgado por um júri parcial que “havia sido escolhido em poucos minutos” (GOLDMAN, 2015, p.68). Sem contar que “o intérprete que lhe foi apontado traduzia titubeante e erroneamente, e após diversas tentativas de corrigi-lo, Sasha descobriu horrorizado que o homem era cego, como a justiça da América.” (GOLDMAN, 2015, p.81). As circunstâncias já o haviam condenado antes da leitura de sua sentença. O anarquista foi condenado a vinte anos de reclusão na *Western Penitentiary* da Pensilvânia, somado a um ano adicional no *Allegheny Country Workhouse* por portar armas escondido. No entanto, Goldman continuou sua luta incansável contra as amarras sociais que teima em calar os corpos e as mentes, daqueles que insistiam se levantar contra eles.

³ Alexander Berkman não foi somente o companheiro da causa libertária de Emma Goldman, mas foi sobretudo, seu parceiro da vida. Para muito além da sua relação amorosa, os dois tornaram-se exemplo da vivência do amor livre, tornando-se companheiros por toda uma vida por acreditar simplesmente no amor verdadeiro, que é recíproco e não espera da outra alguma atitude para preenchê-lo, por isso o amor terno dos dois pendurou até a morte de ambos.

Sexualidade, amor e casamento

Como consequência das suas ações e manifestações contra o sistema asfixiante que insistia em aprisionar a mulher a um modelo de passividade, a anarquista realizou encontros nos quais ela defendia a liberdade dos corpos e das mentes das mulheres, defendendo, sobretudo, o direito sobre seus corpos. Goldman foi sentenciada e condenada em 18 de outubro de 1893. Depois de um ano na penitenciária da ilha de *Blackwell*, depara-se, mesmo em reclusão, com as desmedidas do poder coercitivo, desempenhado pelo Estado como elemento padronizador e ordeiro. Por meio de sua experiência prisional, Emma percebia e sentia o poder do Estado a incidir sobre os corpos das “detidas”, controlando-as e tomando-as como mulheres “degeneradas” que possuíam a audácia de transgredir os valores morais vigentes, vistos como regime de verdade na época.

O encarceramento de Emma Goldman foi um elemento determinante na atenção dada às questões femininas, uma vez que o espírito de liberdade da revolucionária fez com que olhasse de forma atenta a situação de reclusão e dominação na qual as detentas se encontravam, muitas das vezes decorrente da incompreensão de um sistema que tendia a culpá-las, já que:

A maioria dos presidiários que aguardavam julgamento vinha dos estratos inferiores da sociedade, homens e mulheres sem amigos, muitas vezes sem lar. Infelizes e ignorantes criaturas que eram, ainda tinham a esperança de não serem condenados. ” (GOLDMAN, 2015, p. 101)

Assim, a prisão simbolizava a caça contra aquilo que foi corrompido; “a pureza de Maria” havia sido exterminada por essas mulheres, de modo que deveriam ser punidas com o encarceramento. A detenção garantiria que seu espírito considerado libertino encontrasse o sofrimento e, com isso, a remissão do seu erro, uma vez que “para uma garota respeitável, é indecente e imundo conhecer qualquer coisa da relação marital. ” (GOLDMAN, 2020, p. 4) Da “futura esposa e mãe” espera-se que seja “mantida na mais completa ignorância” (GOLDMAN, 2020, p. 1)

Para Emma Goldman, de fato, isso ocorria porque a mulher era” dócil y esclavizadora aquiescência a la supeioridad de hombre” (GOLDMAN, 2017, p. 164), ideia corroborada por Cordero diante da leitura de Emma Goldman, ao afirmar que a mulher era “esclava del esclavo” (CORDERO, 2018, p. 54), sendo “triplemente oprimidas por causas religiosas, económicas y políticas. El marido le pega, los religiosos la enganñ, el juiz la ignora, el Estado envía a su hijo a la guerra: es la víctima por excelência.”. (CORDERO, 2018, p. 63)

Os padrões de conduta morais tradicional serviram como catalisadores da luta da libertária: Desde a infância, um estado de indignação crônica empolgava Emma Goldman. Esse

estado de indignação possuía raízes na observação de injustiças do cotidiano, nas repressões da vida familiar e, sobretudo, no trato desigual dado às mulheres.

Trato desigual que ganha destaque nas páginas dos jornais libertários, dos quais a anarquista participou: o primeiro o *Freiheit*⁴, folha que ela dividia com Jonh Most e através da qual realizava a crítica social da desigualdade nos Estados Unidos da América, sobretudo a situação povo oprimido por uma lógica estatal que, segundo os articulistas, possuía o intuito de pilhar seus objetos e seus sonhos. O segundo jornal a que Emma se dedicou foi o *Mother Earth*. Na verdade, ela foi a responsável por sua criação e sua redação, atuando entre 1906 e 1917, no auge do seu amadurecimento intelectual. Nesse periódico, ela escreve sobre amor livre, maternidade voluntária, emancipação feminina, liberdade sexual e intelectual para as mulheres.

As suas palavras traziam consigo sua experiência de vida, especialmente sua vivência como enfermeira improvisada na companhia do Dr. White, na qual ela se deparou com os horrores vivenciados pelas “mulheres reprodutoras”, marcadas por seus lares humildes, cercados de filhos e de fome. Diante disso, a anarquista iniciou sua escrita na defesa do controle de natalidade, por acreditar que “há tempos [a mulher] está ajoelhada diante do altar do dever imposto por deus, pelo capitalismo, pelo Estado e pela moralidade” (GOLDMAN, 2019, p. 7). Desse modo, “a maravilhosa maternidade” (GOLDMAN, 2019, p. 81) impossibilitava o despertar intelectual da mulher de sua farsa quotidiana. Para Emma Goldman, na verdade, a maternidade possuía apenas um objetivo: que a prole cega e estupidamente fosse dedicada à Moloch (GOLDMAN, 2019, p.82), ou seja, ao capitalismo explorador. O culto ao modelo de mãe-esposa-dona-de-casa, buscava conservar a cegueira na qual a mulher estava submersa, o que, para a anarquista, deveria ser combatido, especialmente para:

[Abrir] o caminho não apenas para o livre debate de contraceptivos, mas também para a liberdade de expressão na vida, arte e trabalho, pelo direito dos médicos realizarem experimentos científicos com contraceptivos, assim como se fez com os tratamentos de tuberculose ou qualquer outra doença. (GOLDMAN, 2019, p. 85)

Na voz de Emma Goldman, para além da Igreja e do Estado, o término do círculo de dominação feminina possuía um outro obstáculo: as sufragistas, uma vez que acreditavam que:

A demanda feminina pelo sufrágio universal baseia-se em grande parte na ideia de que as mulheres devem ter direitos iguais em todas as questões sociais. Ninguém poderia refutar isso se o sufrágio fosse um direito.

⁴O jornal foi fundado por Most em 1886. Contando com a contribuição de Emma Goldman de 1887 até meados do atentado realizado por Alexander Berkaman ao Henry Clay Frick. Pois, diante da crítica realizada por Most ao Sasha, por acreditar que o atentado apenas despertou uma simpatia pelo acometido, Goldman rompe com o idealizador do jornal, porá creditar que sua fala tratava-se de uma mentira, uma vez que Sasha realizou o atentado pelo bem da causa anarquista.

Infelizmente por ignorância a mente humana consegue ver uma imposição como um direito. (GOLDMAN, 2019, p. 57)

A anarquista deixa claro que :

Não preciso dizer que não me oponho ao sufrágio feminino pelo senso comum de que ela não é igual ao homem. Não vejo razões físicas, psicológicas ou mentais do porquê as mulheres não devam ter direitos de votar assim como os homens. (GOLDMAN, 2019, p. 58)

Para a anarquista, a crítica ao sufrágio feminino baseia-se no fato de que as mulheres não conseguiriam sua liberdade buscando legitimidade em um sistema que buscava apenas escravizá-las. Por outro lado, afirmava que essa liberdade buscada por meio do voto era dada apenas a uma pequena parte do grupo de mulheres privilegiadas, que excluía as mulheres de classes mais baixas da participação da construção da liberdade.

O que deve ser notado é que Emma Goldman combatia o voto por considerar essa conquista ilusória, totalmente nula quando aplicada às mulheres assalariadas que não possuíam propriedade. O voto censitário provocaria novamente mais uma divisão entre as mulheres, pensadas como inferiores e superiores. Em vez de tencionar o sistema para quebrá-lo e derrubá-lo, as mulheres, inserindo-se no processo político institucionalizado, acabariam por fortalecê-lo, favorecendo o sistema capitalista a explorar suas almas.

Por isso, Goldman acreditava que a melhor forma de romper com o sistema era:

Recusar o direito de qualquer pessoa sobre seu corpo; recusando-se a ter filhos, a não ser que os queira; recusando ser uma serva de deus, do Estado, da sociedade, de seu marido, da família etc, com isso tornando sua vida mais simples, porém mais profunda e rica. (GOLDMAN, 2019, p. 62)

Essa recusa era permeada pelo direito ao seu próprio corpo, especialmente no que tange a obrigatoriedade do casamento como felicidade feminina, almejada e vivenciada desde a infância. Emma Goldman asseverava que a mulher era tratada como “máquina inconsciente” (RAGO, 1985, p.20), a quem se atribuía a função de reprodução e criação dos filhos. A ela era negada a independência intelectual, com o propósito de mantê-la na completa ignorância sexual; situação que fazia parte das amarras de dominação.

Goldman dedicou-se a refletir, também, sobre o casamento e o amor. Para ela, “el matrimonio y el amor nada tienen en común; se encuentran tan distantes como los polos; es más, son incompatibles”(GOLDMAN, 2017, p.161). Nessas críticas, Emma acompanhava os chamados grandes anarquistas, que já haviam apresentados censuras ao “casamento contratual monogâmico indissolúvel, legitimado pelo Estado e sacramentado pela Igreja, uma vez que feria, entre outros, o princípio da liberdade”. (MARTINS, 2013, p. 26)

Emma Goldman considerava o casamento burguês um grande arranjo comercial, geralmente selado pelas famílias, em que o amor era o que menos importava. Já que: “La futura

esposa y madre es mantenida en la más completa ignorancia respecto al único bien del que dispone em la competición del mercado, el sexo.”(GOLDMAN, 2017, p. 166). Lembrando que a mulher era negada tudo, permitido apenas a reprodução.

Além disso, a

institución del matrimonio hace de la mujer um absoluto parásito, um ser totalmente dependiente. La incapacita para la lucha por la vida, aniquila su consciência social, paralisa su imaginación, y después le impone su condescendiente protección (GOLDMAN, 2017, p. 60)

Na sociedade instituída, a mulher era considerada incapaz, até mesmo de lutar por sua liberdade; acreditava-se que a felicidade feminina estaria atrelada ao matrimonial e a maternidade. Para Goldman, o problema não estava na união de duas pessoas, mas na forma como tal união ocorria, submetendo a mulher a toda forma de opressão, tornando-a verdadeira escrava do homem e da família, de modo a invisibilizá-la como indivíduo. Além disso, Goldman afirmava que a união vivenciada nessas circunstâncias era permeada pelo sentimento de posse, que nada tinha a ver com o amor livre, que consistia “en plena libertad se entrega sin reservas, abundante, por completo” (GOLDMAN, 2017, p. 173), pois possui como finalidade apenas o amor mútuo, sem cobranças e sem amarras.

O que para a anarquista ainda é “algo extraño para mucha gente” (GOLDMAN, 2017, p. 176), uma vez que o amor é atrelado a concepção artificial de matrimônio, já que o mesmo é “una imposición arbitraria, uma infâmia y uma mofa, absurda”(GOLDMAN, 2017, p. 177). Ideia corroborada pela também anarquista Voultarine de Cleyre, que publicitava suas ideias no *Moth Eath* em tom evocativo:

Libertai as mães das crianças! Deixai as crianças serem puros filhos do amor, nascidos do desejo mútuo de paternidade. Deixai que as correntes do escravo algemado sejam quebradas, que não nasçam mais escravos, nem mais tiranos sejam concebidos. (CLEYRE, 2019, p. 37)

Essa concepção era permeada, sobretudo, a partir do monopólio sexual, legitimado pelo “monstro de olhos azuis” (GOLDMAN, 2019, p.4) como afirmava Emma Goldman referindo-se ao ciúme. Nesse sentido, o ciúme seria uma criação social-moral para dar credibilidade ao discurso de posse da alma feminina, sendo compreendido por meio de parâmetros sociais que conferem aos homens a propriedade das mulheres, principalmente por meio da “tirania da lei do casamento” (CLEYRE, 2019, p. 39).

Nessa perspectiva, Emma destacava que o casamento era responsável pelo claustro feminino, que envenenava a alma da mulher, incutindo-lhe ideias acerca de sua inferioridade como algo natural; que era próprio do “ser-mulher” a falta de intelectualidade e de inteligência

de lidar com objetividade e racionalidade com o universo masculino, como o trabalho, a profissão e as tomadas de decisões na esfera pública. Desse modo, havia o fortalecimento do discurso da mulher como “máquina inconsciente”, destinada a trabalhar e a procriar. Ao homem, ao contrário, era atribuído a razão, símbolo da força e da coragem, princípio objetivo da humanidade, ativo e poderoso (GOLDMAN, 2019, p. 130). Nessa assimetria, ficava explícito que a racionalidade era estritamente uma característica masculina e, por isso, os homens tornavam-se responsáveis pelas mulheres, por suas crias e por sua voz.

Um das maneiras de despertar a consciência feminina perpassa pela compressão da própria mulher da necessidade de sua independência. E entendendo isso, Emma Goldman parte para Viena para aprender a profissão de enfermeira e de parteira, possibilitando, para além da sua independência financeira e intelectual, conhecer Kropotkin, Malatesta e Louise Michel. (GOLDMAN, 2015, p. 68)

Assim, em sua estadia em Viena, em 1889, a anarquista tornou-se conhecedora das teorias de Sigmund Freud sobre sexualidade e se torna, também, portadora dos dois diplomas, de enfermeira e de parteira. Compreendia, pois, que o movimento anarquista: Dev[ia] apoiar a luta e a agitação de todos os dias contra opressores e preconceitos, manter o espírito de revolta em toda parte onde o homem sente-se oprimido e possui a coragem de revoltar-se (GOLDMAN, 2015, p. 40).

Era essa revolta que incendiava o descontentamento de Emma Goldman, principalmente quando se tratava da situação das mulheres pobres, especialmente na gravidez:

A maioria vivia em terror da concepção. A grande massa das mulheres casadas se submetia e quando se viam grávidas seu alarme e preocupação resultavam na determinação de se livrar de sua prole. Eram incríveis os métodos fantásticos que o desespero inventava: pular de cima de mesas, rolar no chão, massagear o estômago, beber misturas nauseantes, usar instrumentos pontiagudos. Tais métodos e outros similares eram testados, frequentemente resultando em graves ferimentos. Era alarmante, porém compreensível. Tendo uma grande prole de filhos, muitas vezes tal que o salário semanal do pai não conseguia sustentar, cada criança adicional era uma maldição, uma maldição vinda de Deus. (GOLDMAN, 2015, p. 136)

As mulheres tornaram-se o objetivo da rebeldia de Emma Goldman contra o sistema, uma vez que elas eram exploradas e condenadas pelo mesmo, especialmente aquelas consideradas prostitutas, muitas das quais alvo do tráfico de mulheres para a América. A prostituição, bem como o tráfico de mulheres, foram objeto de preocupação e reflexão de Goldman. A anarquista chama a atenção sobre os motivos geradores da prostituição feminina que segundo ela aconteceria,

Não apenas com mulheres brancas, mas amarelas e negras também. Exploração, claro; o impiedoso Moloch que engorda às custas do trabalho mal pago, levando assim milhares de mulheres e meninas à prostituição.

(GOLDMAN, 2019, p. 38)

Por outro lado, destacava que as mulheres também eram levadas à prostituição pela falta de acesso à educação, condições dignas de trabalho e reconhecimento de sua capacidade intelectual, uma vez que:

Em lugar algum a mulher é tratada de acordo com o mérito de seu trabalho, mas apenas como objeto sexual. É, portanto, quase inevitável que ela deva pagar por seu direito de existir com favores sexuais, para manter uma posição onde quer que seja. Assim, é uma mera questão de níveis, se ela se vende para um homem, dentro ou fora de casamento, ou para muitos homens. Queiram os reformistas admitir ou não, a inferioridade econômica e social da mulher é responsável pela prostituição. (GOLDMAN, 2019, p. 39)

Essa situação de subordinação e dependência, encontrava reforço, sobretudo, na manutenção da ignorância sexual feminina, já que:

A sociedade considera a experiência sexual de um homem como um atributo normal de seu desenvolvimento, enquanto que experiências similares na vida de uma mulher são vistas como uma calamidade terrível, a perda de sua honra e de tudo que há de bom e nobre em um ser humano. (GOLDMAN, 2019, p. 45)

Emma Goldman denunciava o duplo padrão de moral sexual para homens e mulheres. Da mulher esperava-se submissão e castidade, parâmetros para sua aceitação na sociedade. Se porventura não seguissem tais parâmetros de comportamento normativo, rompendo com a moral estabelecida, seria excluída e obrigada a viver a margem da sociedade que a condenava e a obrigava a se prostituir para sobreviver. A inserção no submundo do comércio do prazer, representava o máximo da exploração, sobretudo dos corpos e mentes femininos por homens que não eram questionados e muito menos penalizados por seu valor moral, uma vez que a “justiça dos homens” funcionava de forma diferente para os dois sexos.

Para a anarquista, esse quadro legitimaria o trato desigual dado às mulheres e a manutenção da sua ignorância sexual, segundo Goldman o maior dos problemas, era cuidadosamente alimentada na medida em que servia aos homens e a sociedade por eles dominada. Às mulheres não era permitido que conhecessem seus corpos, sendo vítimas do sistema, já que:

A perpetuação de jovens na completa ignorância dos assuntos sexuais, alegando “inocência”, junto de uma natureza sexual excitadíssima e reprimida, ajuda a provocar as situações que nossos puritanos estão tão desejosos de evitar e reprimir. (GOLDMAN, 2019, p. 45)

Nessa perspectiva, a repressão era necessária para que se evitasse o levante coletivo feminino; que seguissem o exemplo das mulheres insubmissas como as anarquistas, que

possuíam coragem de “dizer algo da fora das normas estabelecidas” (MOURA, 1932, p.27). As libertárias ou anarquistas eram mulheres que defendiam a prática da liberdade feminina, tal como o foi Emma Goldman, sendo comumente associadas a prática realizada por mulheres “degeneradas”. (RAGO, 1985, p.85). As “degeneradas”, segundo o doutor F. Ferraz de Macedo, na sua tese de 1873, citada por Margareth Rago, germinavam em meio:

[...] a ociosidade, a preguiça, o desejo desmesurado de prazer, o amor ao luxo. A miséria financeira, o desprezo pela religião, a falta de educação moral e principalmente o pensamento erótico da mulher. É imerso nesse pensamento que nasce a distinção e a difusão do estereótipo da “mulher honesta e casta e da vagabunda. (RAGO, 1985, p. 87)

Procurando romper com as diversas concepções que escravizavam a alma feminina, a anarquista Emma Goldman continuou a publicitar suas ideias, utilizando sua palavra como arma. Foi perseguida e presa diversas vezes, como o encarceramento que sofreu em 12 de fevereiro de 1916, juntamente com Margareth Sanger, porque ambas discursariam a favor do controle de natalidade, o que significaria um perigo para a sociedade moral.

No entanto, isso não foi capaz de calá-la, já que o dia seguinte após sua prisão ela escreveu uma carta à imprensa, afirmando que:

Não é preciso dizer que qualquer que seja a lei sobre o controle de natalidade, aqueles que como eu estão disseminando conhecimento sobre esta questão não o fazem para interesses pessoais porque consideram lascivo ou obsceno. O fazemos porque sabemos das terríveis condições da massa trabalhadora e até mesmo dos profissionais quando não conseguem atender às demandas de tantas crianças. (GOLDMAN, 2019, p. 56)

Emma Goldman foi libertada, mas continuaram tentando calar sua voz. A revolucionária voltou a ser presa em 1917, sendo condenada a dois anos de prisão e fiança dez mil dólares. Foi novamente encarcerada, dessa vez na penitenciária de Jefferson City. Apesar de detida em prisões distintas, Emma notou que:

[...] as presidiárias da penitenciária de Missouri, como as da ilha de Blackwell, eram recrutadas dos estratos mais baixos da sociedade. [...] Negras ou brancas, a maioria delas havia sido levada ao crime pelas condições que encontraram logo ao nascer. Minha impressão foi fortalecida pelo contato diário com as presidiárias durante um período de 21 meses. Apesar dos comentários dos psicólogos criminalistas, não achei nenhuma criminoso entre elas, apenas seres humanos desafortunados, quebrados, desamparados, desesperançosos. (GOLDMAN, 2015, p. 472)

Não escapou também à observação crítica da anarquista as condições e as horas exaustivas as quais as mulheres prisioneiras estavam submetidas. Desamparadas por um Estado que as explorava e humilhava cotidianamente, eram obrigadas a produzir:

[...] 45 a 121 jaquetas por dia ou de 9 a 18 suspensórios. Embora o trabalho real na máquina fosse o mesmo, alguns exigiam o dobro da força física. O

complemento do trabalho era exigido independentemente da idade ou da força física. Mesmo a doença, mesmo de uma natureza muito grave, não era considerada causa suficiente para dar descanso ao trabalhador. (GOLDMAN, 2015, p. 473)

Além disso, o exercício de coerção física e psicológica era desempenhado por um homem que não poupava esforços para que as mulheres o obedecessem, de tal modo que “as mulheres estavam a tal ponto aterrorizadas com ele que raramente ousavam erguer a voz. Se alguém o fazia, tornava-se o alvo de sua perseguição. Ele não deixava nem de roubar parte do trabalho e depois acusar a presa.” (GOLDMAN, 2015, p. 474-475)

A penitenciária do Missouri buscava romper com qualquer sentimento de solidariedade entre as presas, a partir da promoção da competitividade, sendo esse legitimado a partir do sistema de mérito da penitenciária,

[...]do qual a Classe A era a mais alta. Atingir esse nível significava diminuir a sentença quase pela metade, pelo menos até onde dizia respeito aos prisioneiros estaduais. Nós federais podíamos trabalhar até a morte sem gozar desses benefícios. (GOLDMAN, 2015, p. 476)

A “empresa”, segundo a anarquista, funcionava por causa da mediação da tríplice aliança do regime da prisão, formado “pelo valentão oficial em nossa fábrica, que era muito útil. Também o capitão Gilvan, o direto ativo, e Lilian Smith, a matrona chefe” (GOLDMAN, 2015, p.477), responsáveis por manter o controle dessa lucrativa “empresa” a partir do aprisionamento do medo das mulheres que se submetiam a humilhação estatal para manter viva a esperança de retornar à liberdade.

Em busca da liberdade para as mulheres encarceradas, a anarquista continuava a usar suas palavras para reivindicar a melhoria de qualidade da vida daquelas mulheres. Emma Goldman demonstrou às mulheres como a união e a solidariedade seriam responsáveis por mantê-la vivas, de modo que:

Na véspera de 27 de junho, minhas amigas negras me presentearam com um trabalho de dia inteiro de jaquetas para o dia seguinte. Haviam se lembrado de meu aniversário, seria tão bom, se a senhorita Emma pudesse ficar fora da fábrica todos os dias. (GOLDMAN, 2015, p. 480)

No entanto, para a revolucionária a prisão teria sido um antídoto quanto ao comodismo e um remédio na sua percepção em relação a vida:

Passei meu aniversário de 50 anos na penitenciária de Missouri. Que lugar seria mais apropriado para uma rebelde celebrar tal ocasião? Cinquenta anos! Senti como se tivesse 500 nas minhas costas, tão repleta de eventos havia sido a minha vida. Enquanto eu estivera livre, mal havia notado a idade tomando conta de mim, talvez porque eu havia contado meu verdadeiro nascimento em 1889 quando, garota de vinte anos, fui a Nova York pela primeira vez [...], eu costumava falar que meus primeiros 20 anos não poderiam ser usados contra

mim, pois eu havia meramente existido. (GOLDMAN, 2015, p .498)

A anarquista Emma Goldman não lutava apenas pela liberdade das mulheres, mas pela libertação de todo indivíduo humano. Não eram apenas as mulheres que eram vítimas de uma sociedade que escravizava os indivíduos e exigia comportamentos pré-estabelecidos e legitimados; os homens também o eram, embora em menor escala, já que dos mesmos eram esperados comportamentos “típicos masculinos” que se opusessem a toda e qualquer característica dita feminina. Além disso, Emma acreditava que somente através de uma sociedade livre a mulher poderia se tornar liberta e libertária.

Por isso, na tentativa de silenciar a voz da libertária, que insistia em não se calar diante de um sistema desigual e opressor, os Estados Unidos da América decidiram mandá-la para o exílio junto a sua terra natal, como forma de dominar o seu espírito livre e sentenciar a sua mente. No dia 20 dezembro de 1919, Goldman, juntamente com outros presos, inclusive Sasha, foram embarcados em um navio que chegaria à “terra vermelha” em 9 de janeiro de 1920, dando início a uma nova jornada na vida da libertária.

Considerações finais

Ao observarmos o percurso político e intelectual da anarquista Emma Goldman, aqui brevemente comentado, nos debruçamos com os atos da sua vida sendo largamente influenciados pelo ideal de revolução que ela propunha, a liberdade pela liberdade. Repudiava, vigorosamente, o enquadramento social, pois esse serviria apenas como uma espécie de moldura que poria fim a toda forma de livre expressão individual. Desse modo, entendia que a limitação da expressão individual era uma ferramenta de controle social exercida pelo Estado, alinhado com a Igreja, de modo a evitar o despertar da consciência social para o caos provocado na vida do trabalhador com a exploração perpetrada pelo sistema capitalista.

Por isso, Emma Goldman valorizava não apenas o livre pensamento, mas também o livre exercício do mesmo, pois seria a partir desse que a verdadeira Revolução aconteceria. Desse modo, fez da sua vida um exemplo de que a cisão com o sistema era possível, rejeitando o modelo de mulher devotada ao lar, ao marido e aos filhos, o qual era exigido de toda a mulher; um parâmetro comportamental, em que a mulher é anulada e dessexualizada, vivendo à sombra de uma figura masculina que não é retratada apenas como um líder, mas como o dono de uma mulher infante.

Emma Goldman lutou arduamente contra a construção da mulher que deve ser tutelada pela figura masculina. Nesse caso, as experiências que viveu foram fundamentais na construção

de sua resistência e luta. O próprio desafio; diante de um pai autoritário, opressor e castrador, que queria subjugar-la e dominá-la apenas por ser mulher, o casamento com um homem que não a compreendia e exigia dela a maternidade que ele queria e uma sociedade conservadora e religiosa que requisitava que ela se adequasse e agisse como uma dama. No entanto, nenhum desses empecilhos foram suficientes para dominar o espírito de liberdade da anarquista Emma Goldman.

A libertária é lembrada, sobretudo, por não temer nenhuma luta, por fazer do seu corpo um testemunho contra a dominação. Por isso, em todo lugar que fosse necessário se impor diante do sistema, lá estaria a anarquista Emma Goldman, não se deixando limitar e nem se amedrontar diante de probabilidades negativas. A cada Revolução asfixiada, o espírito da anarquista se fortalecia e potencializava cada vez mais a certeza da sua vida: lutar. Lutar por um sistema igual, no qual não apenas as mulheres, mas os homens também pudessem ser aquilo que quisessem, sendo senhores dos seus destinos, se opondo a qualquer forma de dominação, fosse ela econômica, social, moral, religiosa e intelectual.

A anarquista buscou de forma incansável colocar fim ao chicote que continuava a açoitar a pele da mulher já flagelada, em um mundo que exigia dela parâmetros comportamentais desde o seu nascimento, que a condenava apenas por desejar conhecer seu corpo e realizar suas escolhas sexuais, longe daquilo que era estabelecido socialmente, sacralizado pela Igreja e legitimado pelo Estado. E da liberdade que Emma Goldman gostaria que o mundo fosse conhecedor, pois a liberdade fortalece e edifica os indivíduos, de modo a entenderem que toda forma de amarra social que é criada para sustentar um sistema desigual ocorre por meio da ignorância intelectual daqueles que acreditam que o sistema é o sustentáculo de suas vidas, principalmente com as intuições arcaicas e segregacionistas que propõe o enquadramento social como forma de realização pessoal.

Referências Bibliográficas

CLEYRE, de Voltairine. **Escrito(s) a vermelho: Antologia de textos escolhidos 1890-1912**. São Paulo: Barricada de Livros, 2019.

CORDERO, Laura Fernández. **Amor y anarquismo: experiencias pioneras que pensaron y ejercieron la libertad sexual**. 1 ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuni Editores, 2018.

GOLDMAN, Emma. **Questão feminina**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre: Projeto Emma Goldman, 2019.

GOLDMAN, Emma. **Feminismo y Anarquismo**. Tradução de Esther Peñas. Madrid: Enclave de Libros, 2017.

GOLDMAN, Emma. **Vivendo Minha Vida**. Tradução: Nils Goran Skare. Curitiba, PR: L. Dopa, 2015.

GOLDMAN, Emma. **La tragédia de l'émancipation féminine suivi Du mariage et de l'amour**. Paris: Editions SYROS.

J.G.A. Pocock. “La Reconstrucción del Discurso: hacia una Historiografía del Pensamiento Político.” In **Pensamiento político e história. Ensayos sobre teoría y método**. Madrid: Akal, 2009.

LOBO, Elisabeth Souza. **Emma Golman**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LOBO, Elisabeth Souza. Emma Goldman - Revolução e Desencanto: do Público ao Privado. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V.9, nº 18, ago./set.89,p.1-13.

MALATESTA, Enrico. **Escritos Revolucionários**. Organização e tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Hedra: 2008.

MARTINS, Angela Maria Roberti. “Mulher liberta-te!”: O anarquismo e as mulheres. In: LIMA, Jacqueline de Cassia Pinheiro; MARTINS, Angela Maria Roberti; SANTOS, E. M. (orgs.). **Pensando a História: reflexões sobre as possibilidades de se escrever a História através de perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013,p.25-48.

MARTINS, Angela Maria Roberti. Igualdade de Gênero: uma proposta anarquista. In: **Cancioneiro Libertario: das ideias às representações**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,p.1-228.

MATOS, Maria Izilda S. História das Mulheres e das Relações de Gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Mandrágora**, v.19, n.19, 2013,p.5-15.

MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de Gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p.67-71, 1998.

MOURA, Maria Lacerda de. **A Mulher é uma Degenerada**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. Tradução: Angela M.S. Côrrea. 2ª ed, 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890- 1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAGO, Margareth. Luce Fabri, o anarquismo e as mulheres. **Textos de História**, vol. 8, nº 112, 2000, p.285-317 Disponível em: <http://periodicos.unb.br/ojs248/index.php/textos/article/view/5910/4887>. Acesso em: 18/12/2018, p.280- 317

RAGO, Margareth. **Anarquismo & Feminismo no Brasil**. Rio de Janeiro: achiamé,1998.

RIBAS, Ana Cláudia. **Corpo, Liberdade e Anarquismo: Perspectiva libertárias nas páginas do jornal A Plebe durante a primeira metade do século XX**. Anais do XXVI Simpósio Nacional da História - ANPUH. São Paulo, julho 2011.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação & Liberdade**, Porto Alegre, v.20,1995.